

O patriotismo na poesia de Agostinho Neto (1922-1979)

Eduardo Mabilia Pola*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-1187-3942>

André Fernando Cula Bumba**

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-1963-4604>

Resumo: O presente artigo traz uma reflexão em torno do patriotismo dentro da poesia de António Agostinho Neto, enquanto poeta e guia imortal da consciência libertadora do povo angolano perante o jugo colonial. A análise feita neste artigo procurou estabelecer uma associação do escrito ao concreto, sabendo que o uso da poesia por este poeta é uma estratégia de combate, daí essa poesia ser de combate. Procuramos, por outro, explorar nos textos do autor os aspetos relacionados com o patriotismo, identidade e a apropriação da cultura, que há muito tinha sido roubado pelos colonizadores europeus. Os textos de Neto apresentam uma característica profundamente dialogante com a sociedade. Os acontecimentos da época em que foram escritos são marcas deste intertexto: sociedade-texto e texto-sociedade. O diálogo que se estabelece nos textos de Agostinho Neto constitui-se numa força interna traduzida pelos ideais de luta para a liberdade.

Palavras-chave: Patriotismo; Identidade; Cultura

Nsumunu: Kisalu akiki kike muna nzila m' fyongonono yi ndagukunu yi luzolo lu nkanda mayindu ma ntima wu sonukunu kwa António Agostinho Neto, muna kikuúku ki nsoniki wu mikanda mi luzolo lu nsi ntima ayi kube bweleso tu ntadila muna nkonzo yi nkwa kunatisa dikabu di lukuúku lu ntoto Ngola wu ba kangama muna ki nkole ki mindela ketika zi ewuropewu. Tu fyongonini maledi muna ki nkulu kiitu. Kube bweleso tu ntatamana kukota muna mi nkanda mi mayindu ma m'si ntima masónika Neto maledi muna ki nkulu ki yibu kwa mindele. Vayi mi nkanda mi Neto m'monisa kizyelomo kiku vanga masolo ma mpindu ayi mamoso ma m'vyoka muna misengi mi ntoto wutu butukila. Masonoko ma Neto ma nsudukulu muna zingolo ziku bakisa mayindu make muna nkonzo yi lunwanunu bwingi bukubakila nzila yi lukuúku.

Bikuma bi nci/kinza: Luzolo lu mpiíndu lu nsi, nviíla ayi ki nkulu

Le patriotisme dans la poésie d'Agostinho Neto

Résumé: Cet article réfléchit sur le patriotisme au sein de la poésie d'António Agostinho Neto, en tant que poète et guide immortel de la conscience libératrice du peuple angolais avant le joug colonial. L'analyse menée dans cet article a cherché à établir une association entre écriture et concret, sachant que l'usage de la poésie par ce poète est une stratégie de combat, donc cette poésie est combat. Nous avons essayé, d'autre part, d'explorer dans les textes de l'auteur des aspects liés au patriotisme, à l'identité et à l'appropriation de la culture, longtemps volés par les

* Professor do Instituto Superior de Ciências da Educação/Angola

** Possui graduação em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Cabinda (2013) e mestrado em Ensino das Literaturas em Língua Portuguesa pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (2017). Atualmente é colaborador do Instituto Superior de Ciências da Educação de Cabinda e secretário geral provincial - Central Geral de Sindicatos Livres e Independentes de Angola. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, representação gráfica, aprendizagem, disparidade e expressão oral. Doutorando em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, Brasil

Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto...

colonisateurs européens. Les textes de Neto ont une caractéristique qui dialogue profondément avec la société. Les événements de l'époque où ils ont été écrits sont des marques de cet intertexte: société-texte et texte-société. Le dialogue établi dans les textes d'Agostinho Neto constitue une force interne traduite par les idéaux de lutte pour la liberté.

Mots-clés: Patriotisme; Identité; Culture

Considerações introdutórias

A poesia de Agostinho Neto possui um valor extemporâneo por se tratar de um documento obrigatório para a compreensão do contexto da luta de libertação nacional. Procuramos, por outro, relançar uma discussão em tono do patriotismo, identidade e cultura contidos nos textos de Agostinho Neto, como guia imortal para a consecução da construção de uma nação angolana que, por força do processo de chamada de consciência procura resgatar os valores da sua cultura perdida a favor da supremacia da cultura ocidental que, sem dúvida, um objeto de imposição. Fato que provocou a morte da cultura local indígena e autóctone. E, o estudo de textos de Neto acaba por ser um caminho necessário para que esses valores tenham respaldo no dia – a - dia do povo angolano.

1.A perspectiva negritudinista da poesia de Agostinho Neto

É crucial que mudemos a concepção de texto literário quanto a sua significação e aplicação prática. A visão clássica da interpretação da aplicação prática confinada na ideia de diversão não deveria ser assumida hoje na contemporaneidade. Pensamos que a poesia é, por muitos até hoje, marginalizada pensamos nós. A ideia de atribuir a responsabilidade de diversão à poesia é marginalizativa. Podemos observar com clareza o papel da poesia no despertar da consciência coletiva das massas, pelo menos no contexto angolano da poesia de Neto; Senghor, Cesaer e outros, personalidades sonantes do movimento "Negritudinista" que, para África lançaram os alicerces da criação de uma África livre.

Em nossa opinião, a poesia era uma forma expressiva carismática adotada por estes autores e líderes, para protestarem contra os maus tratos e a tirânia do ocidente contra os filhos genuínos de África. Como ressalta Agostinho Neto, no poema "Adeus a hora da largada":

Somos as crianças nuas das sanzalas do mato, os garotos sem escola a jogar a bola de trapos nos areais ao meio-dia, somos nós mesmos, os contratados a queimar vidas nos cafezais que devem respeitar o homem branco e temer o rico (...). (Neto, 2009, p.41).

Neto (2014, p.23) diz que a poesia de Agostinho Neto é uma poesia de intervenção, é uma poesia de apelo, de chamamento ao Povo para a luta, que deveria ter início, uma vez que o Governo fascista de Portugal era surdo a todos os apelos dos intelectuais para resolver os problemas da independência de Angola por meios pacíficos.

Neto, no poema, entre sentir responsabilidade e obrigação de tomar a peito a missão, fala para todas as mães do mundo que, na verdade, tratava-se de toda pátria em estado deplorável tornada escrava, Minha Mãe (todas as mães negras cujos filhos partiram):

Tu me ensinaste a esperar/ como me ensinaste nas horas difíceis/ Mas a vida/ matou em mim essa mística esperança/ Eu já não espero/ sou aquele por quem se espera/ Sou eu minha mãe a esperança somos nós/ os teus filhos/ partidos para uma fé que alimenta a vida (...). (S.E., Neto, 1977, p. 37).

Ora, hoje, os estudos gramaticais desaconselham o estudo sintático-semântico, pragmático e morfológico fora de um texto. Tal é a realidade que deve nortear os estudos do texto literário e não literário, sobretudo o primeiro. Não basta conhecer as características de um texto literário. É importante fazermos a análise das características dentro mesmo. Para o contexto do ensino angolano é imperioso que efetuemos o uso de textos de autores nacionais, particularmente os de Agostinho Neto, porque, entendemos que, a escrita é uma forma de fixação da cultura e da história de todos os povos.

A pergunta imediata que qualquer um faria seria “Porque escolhemos Neto?” A resposta é simples e objetiva. Pelo facto de ser o fundador da Nação angolana e porque seus textos têm uma grande carga ideológico-patriótica, sociocultural e histórico, por serem capazes de fomentar e fortalecer o espírito patriótico e de cidadania, exaltação aos heróis nacionais, a promoção do artístico e o reconhecimento da história da Nação angolana bem como a própria cultura angolana aos alunos.

No poema “Não me peças sorrisos”, Neto demonstra a sua assunção, negando-se a si mesmo às glórias, preferindo suportar a dor para, quando chegar o momento oportuno libertar o sorriso que lhe é requerido. Nesta afirmação o autor usa o discurso do ‘Eu’ para isentar-se da responsabilidade de se constituir um herói, mas sim, mostrar-se como Anti-herói. A atitude do poeta é de um líder que assume a responsabilidade dos irmãos que padecem nas batalhas em busca da liberdade.

Neto denuncia a condição dos irmãos que morrem sem qualquer enterro condigno, como o demonstra no trecho a baixo: «Não me exijas glórias/ Que ainda respiro/ Os ais/ Dos feridos nas batalhas». Reforça a mesma ideia na segunda estrofe «Não me exijas

Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto... glórias/ que sou eu o soldado desconhecido/ da Humanidade». Ao recusar as honras, Neto vaticina em forma profética à antecipação da independência « as honras cabem aos generais/ A minha glória/ é tudo que padeço/ e que sofri/ Os meus sorrisos/ tudo o que chorei. » Continua a mesma ideia na quinta estrofe « Nem sorriso nem glórias».

A poesia de Agostinho Neto representa um conjunto de documentos de inesgotável valor histórico, cultural, político e social da Nação angolana. Seu valor histórico vai além de simples eruditos. Estudar Neto nas aulas de Língua Portuguesa é enraizar nos alunos um espírito reflexivo, patriótico e cultural do contexto da Nação angolana. Neste poema, o poeta assume-se como àquele que suporta as fraquezas dos mais fracos, que revela o seu carácter 'déficio', apresentando-se como um 'anti-herói', ao negar sua grandeza, como sinal de humildade, e evidenciar os seus companheiros em primeiro lugar, esta atitude é vista como solidária, em relação aos irmãos de trincheira, Neto prediz a preparação de um caminho para a independência que não poderá usufruir por muito tempo, senão preparar o futuro para os filhos da sua casa, como no poema a seguir:

Apenas um rosto duro/de quem constrói a estrada/ por que há-de caminhar/ pedra a pós pedra/ em terreno difícil/ um rosto triste/ pelo tanto esforço perdido/ o esforço dos tenazes que se cansam/ à tarde/ depois do trabalho/uma cabeça sem louros/porque não me encontro por ora/ no catálogo das glórias humanas/ não me descobri na vida/ e selvas desbravadas/ escondem os caminhos/ porque hei-de passar/ mas hei-de encontrá-los/seja qual for o preço/então num novo catálogo/ mostrar-te-ei o meu rosto/ coroadado de ramos de palmeira/ e terei para ti/ os sorrisos que me pedes. (*Sagrada Esperança* de Neto, 1977, p.73).

O processo de ensino-aprendizagem é um processo com subsistemas que envolvem agentes. Um dos objetivos mais almejados dentro do mesmo é o desenvolvimento de diversas habilidades no aluno, como principal agente, que, através da intervenção do professor, absorve valores, atitudes e cultura. Podemos desenvolver várias habilidades nos alunos no estudo de textos literários de autores angolanos nas aulas da Língua Portuguesa. Ao estudarmos textos de Agostinho Neto queremos desenvolver nos alunos um conjunto de habilidades que passaremos a apresentar.

2.Apropriação da cultura e leitura por meio da poesia de Agostinho Neto

A encarnação da cultura (seu manifesto folclore) por um determinado povo constitui um fator de manifestação patriótico onde a cultura transcende qualquer visão excludente, uma vez que é vista, no nosso entender como um património de todos os povos do mundo. Todo povo possui seu “*folclore*” segundo D. Duarte (1975), o conjunto de tradições culturais transmitidas oralmente e sem influência erudita, tais como: danças,

Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto... música, festas tradicionais, lendas, mitos, contos etc, constituem a cultura de um povo. De facto, a poesia netiana possui uma riqueza folclórica que representa a cultura angolana.

Cultura, na visão de João Fernando Manuel (2015), afirma que o conceito universal da cultura foi lançado pelo antropólogo inglês E. Taylor em 1871. É reciprocidade de interesses e de ideias. É a luz que ilumina o caminho e abre as portas da compreensão mútua e da percepção. Cultura é tudo Representa um todo integrado, em que cada pessoa se articula com as demais. É específica e varia de povo para povo e local a local. É exclusivamente do ser humano, porque ele é quem a faz cultura, é memória, é história, é filosofia, é arma contra violência, contra as drogas e contra a criminalidade.

Cultura é afirmação social, progresso e desenvolvimento de um povo que deseja dias melhores. Que deseja viver com dignidade. Cristiano Neto (2015), corrobora com o pensamento de Manuel ao afirmar nós distinguimo-nos dos outros Povos pela nossa cultura, temos, portanto, valores que nos são próprios, ao nível da música, da dança, da literatura, etc. E não só devemos conservar esses valores, mas devemos elevá-los e explorar cada vez mais os valores positivos da nossa cultura tradicional. Elevar esses valores até ao nível Universal. Esta é a lição que temos que tirar dos nossos antepassados e das gerações mais velhas.

Manuel (2015, p. 31) produz um conceito mais abrangente do lexema cultura, mas sem se afastar do conceito de Duarte. Para si, a cultura é um veículo de transformação e renovação de grupos sócio- culturais. Vai mais longe, é preciso encará-la como educação. Educação através da música, da literatura, das artes plásticas, do teatro, do cinema, do vídeo etc., a cultura é educar o povo. Estudar as características do texto literário ajuda a desenvolver ao aluno uma maior visão na valorização da cultura angolana. A leitura é a forma mais clássica e moderna de ler o mundo. O mundo constitui-se pela imensa diversidade de valores. É pela leitura que conseguimos construir um pensamento crítico capaz de produzir inovações. O gosto pela leitura funciona como um processo que só termina após a morte. Quem lê um livro não continua a ser a mesma pessoa.

Através desta habilidade, a criança aprende sobre o mundo, aprende a construir seu próprio pensamento e aprende a associar suas opiniões com as de outros protagonistas sociais. A leitura é meio de construção e reconstrução do saber. Por este processo se adquire a habilidade de saber-fazer. Nesta dimensão o professor poderá desenvolver no aluno o gosto pela leitura, através de sugestões de leitura de autores consagrados da praça literária angolana.

A literatura possui um valor de suma importância. Ela cultiva nos alunos o espírito patriótico, como expressão viva e comprometida com os fatos sociais. Segundo Welck e Warren (1949, p. 113), a literatura representa a vida: ela a vida é, em larga escala, uma realidade social, não obstante o mundo da natureza e o mundo interior ou subjetivo do indivíduo terem sido, objetos de imitação literária. Reforçam os autores: “o poeta é um membro da sociedade; possui uma condição social específica.” Nesta dimensão o professor deve ajudar a desenvolver ao aluno o amor a Pátria. Levando-o a uma reflexão para a valorização dos símbolos nacionais e o cultivar de amor à cultura nacional.

3.O realismo patriótico de Neto

O fenômeno literário dos países africanos de língua portuguesa está condicionando, grandemente, ao processo histórico de colonização portuguesa. Garcia (2014, p. 568), num artigo sobre Neto, traz uma reflexão sobre a condição do negro-africano que, vive, durante muito tempo, um estado deplorável das condições de vida, numa terra expropriada pelo colonizador.

Passamos a citar o perfil histórico das relações africanas euro-africanas ao longo dos tempos e de gerações. Silenciosamente a referência aos primeiros contactos do Ocidente com a África independente; ou a subsequente fase de conquista e ocupação dos territórios. A submissão política e cultural dos povos africanos foi a consequência mais significativa destes povos. Esta odisseia provocou o recesso do progresso africano. Agostinho Neto, fiel aos factos e ao contexto, pinta com seus sagrados dedos e lapida com sua brilhante mente as condições vividas pelo povo africano, num contexto condicionante da degradação das sociedades africanas e suas instituições. No poema, Partida para o contrato, Neto faz uma descrição concreta de tais condições, como podemos ver:

O rosto retrata a alma/ amarfanhado pelo sofrimento/ nesta hora de pranto/
vespertina e ensanguentada/ Manuel/ o seu amor/ partiu para S. Tomé/
para lá do mar/ até quando?/ além do horizonte repetimos/ o sol e o barco/
se afogam/ no mar/ escurecendo/ escurecendo a terra/ e a alma da mulher/
não há luz/ não há estrelas no céu escuro/ tudo na terra é sombra/ não há
luz/ não há norte na alma da mulher/ negrura/ só negrura... (Neto, 1977,
p.39).

Conhecem uma nova realidade da sua vida mísera, um imponente artefacto: o barco, que os transporta para lugares incertos, como prisioneiros e escravos para além do incerto mundo, mas sob outra condição, para trabalhar nas plantações das Américas e nas unidades fabris da Europa. Nesta viagem, marcam um adeus infindo, uns pela força

Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto... da morte que encontram no mar, pelo facto de se revoltarem sofrem maus tratos, outros porque já não podiam voltar para terra natal. No poema, Agostinho Neto narra o estado em que o Negro se tornou um escravo, uma mercadoria que é levadas para terras distantes e desconhecidas. O mar não tem mesma conotação é uma expressão simbólica de infinda vereda sem volta.

Um caminho por onde milhares de irmãos eram jogados entregues à morte, num estado insignificante da existência humana. Prossegue Garia, que no campo socioeconómico traduziu-se na exploração; no sociopolítico no indigenato; e no sociocultural na assimilação do indígena à cultura e civilização «cristã» do Ocidente. E isto, é evidente, sem falar da escravatura em que o homem negro fora definido como objecto de compra e venda e como mercadoria de fácil transação internacional.

Diz Laranjeira (1995, p. 94) que nos poemas de Agostinho Neto, como nos de outros poetas africanos em geral, concreta a elementos da realidade geográfica, histórica e cultural; a demarcação de um espaço físico, a criação de uma cosmovisão e de imaginários africanos, a recusa da subjetividade, da abstração e do intimismo.

Em vários outros poetas encontra-se um discurso idêntico ao do Agostinho Neto, virado para reclamação sobre o saque das riquezas da sua própria terra pelos colonos portugueses. Assim, Alda Lara, evocada por Hamilton (1975, p. 95), diz que um tipo de poema que predomina é o que invoca, evoca, exalta e reclama a terra natal ou adotiva. Alguns poemas desse tipo invocam uma Angola atemporal. Alda Lara em "Presença Africana" (1930 - 1962), afirma: Minha terra/ Minha/ Eternamente. Ao mesmo que seu irmão Ernesto Lara Filho (1932 - 1975), dirige uma pergunta ao seu pai colono: « Por que/ Meu pai/ Me negas o direito simples/de amar a minha terra/ A minha Angola». Todos fiéis ao contexto falam de condições sociais sufocantes, vivendo sob jugo do colono português que aos nativos nega seus direito de viverem livres. Ao se pronunciar nos seus poemas, deixa um legado para as gerações posteriores, um legado fiel aos factos. Isso constitui, na verdade, um intertexto entre seu discurso e os factos narrados.

Manjante (2014, p. 29) encontra uma receita para a compreensão dessas identidades. Para si, é importante que se entenda a bifurcação adotada em três dimensões:

- (i) Identidade legitimadora introduzida pelas instituições hegemónicas. Este tipo de identidade relaciona-se com o arbítrio cultural descrito pela dinâmica da poeticidade, quando se trata das tentativas de imposição de valores culturais por parte dos grupos dominantes aos dominados.

- (ii) Resistência, criada pelos sujeitos em posição subalterna à lógica de dominação exercida pelos grupos detentores dos privilégios políticos, sociais e económicos. Nesta dimensão estariam inclusos os poetas de resistência que buscam exaltar valores silenciados para desvelar a sua situação de sujeição, fruto de sua condição social na sociedade em que se inserem.
- (iii) Dimensão do projeto encerrariam a busca de elementos culturais e a utilização dos mesmos na construção de uma identidade que redefinisse a posição social do sujeito na sociedade de que faz parte.

O século XX pode ser considerado de despertar de África e dos africanos. Mas, mais importante é fazer transparecer que os países africanos apanharam a dinâmica dos ventos vindos das Américas. Na América levanta-se um movimento de contestação social, cultural e política, que vinca seus ideais na construção de um **Renascimento Africano** (R.A). Neves (1975, p. 30) descreve o percurso, fiel e realista, em que se deu a criação do movimento negritudista. Importa realçar que tal movimento nasce no fim do século XIX e princípios do século XX. Nesta altura, começam a surgir vários movimentos, como antes da letra, mas já com muita realidade, a Negritude surge entre os negros na América, em diversas formas e nomes. "Regresso a África", (Back to Africa Movement) de Marcus Garvey, (desenvolvimento segregado) de Booker T. Washington; William Eduard B. DU BOIS e o movimento do **Renascimento Negro** (Black Renaissance) de cuja equipa, fazem parte Langston Hughes, Claude McKay, Countee Cullen, Sterling Brown, e Jean Toomer.

O panorama que se viveu nas Américas do século XIX é, significativamente, impressionante para o nascimento do movimento africano de despertar. Muitos dos que poderão ser futuros líderes africanos encontravam-se no espaço geográfico europeu. Estes homens, que serão ilustres, assistiram as revoltas do proletariado. Senão vivenciaram a sua atuação, então ouviram as repercussões das suas lutas e a razão das suas reivindicações. O contexto Haitiano vai ser o balão de início do Movimento Negritude¹. Um antigo escravo Toussaint Louverture em 1804 conduziu Haiti para uma grande revolução que culminou com a independência do país.

² "Negritude" em 1932, um grupo de estudantes Antilhanos em Paris, sob a orientação de Etienne Lero, editava a revista «Legitime Fesense», que não foi além da primeira edição e não passava de um manifesto contra todo tipo de "assimilação" literária, cultural, político e religioso, etc que sofria o mundo colonizado. Em Paris dava-se a publicação do jornal «l'étudiant noir», que seria também o princípio da letra da Negritude, cuja paternidade se atribui a seguintes nomes: Guineense Leon Damas, o Senegalês Leopold Sedar Senghor e o Martiniquense Aimé Césaire (fundador do termo), no seu poema *Cahier D'un Retour Au Pays Natal*, que podemos considerar como verdadeiro Hino nacional da negritude.

Enquanto chegavam as notícias da América, Neto tem o contacto dos poemas de Aime Cesaire, sobretudo o seu *Cahier d'un Retour au Pays Natal*, segundo narra Venâncio (1993, p.43). A pequena burguesia africana vê-se, a dada altura, ideologicamente fortalecida com ideias *Pan- africanistas*, que começavam a chegar em Lisboa e em Luanda. Venâncio precisa, em 1912, um ano após ter surgido e morrido em Lisboa o periódico "O negro", órgão oficial do Partido Africano (P. A.) foi fundada em Lisboa a Junta da Defesa dos Direitos de África (JDDA), que em 1920 se transformou em Liga Africana (L.A).

Agostinho Neto escreveu em função da realidade factual e contextual da sua época. Um momento em que o negro era visto como um instrumento de trabalho, objeto de compra, venda e troca, sucintamente era tido como mercadoria, ou simplesmente mão de obra barata. A poesia de Neto é totalmente virada à realidade. Esta abordagem emboca-nos na percepção da obra *netiana* no âmbito realista. Sua maior intenção era denunciar os abusos, injustiças socioculturais, econômicos e históricos- políticos a que o povo angolano estava sujeito pelo governo colonial português.

As reações de revolta em África reforçavam as suas crenças pelos movimentos de resistência, que passaram a existir em defesa do homem negro. Tais movimentos tinham uma atuação pacífica, mas ideológica, de rebuscamento às culturas africanas onde quer que fossem que houvesse negros. A Liga Angolana fundada em Lisboa, como frisou Andrade (1998, p. 89), foi rapidamente reprimida por Norton de Matos, chefe do Governo colonial em 1915. As organizações africanas referidas integraram os movimentos unitários que surgiram na capital africana.

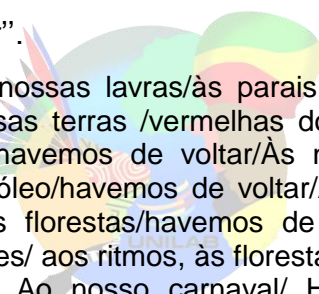
Os textos de Neto apresentam uma característica profundamente dialogante com a sociedade. Os acontecimentos da época em que foram escritos são marcas deste intertexto: sociedade-texto e texto-sociedade. O diálogo que se estabelece nos textos de Agostinho Neto constitui-se numa força interna traduzida pelos ideais de luta para a liberdade. Segundo Aguiar e Silva (2008, p. 214) define intertextualidade² como a interação semiótica de um texto com outro (s) texto (s), definir-se-á intertexto como o um diálogo que um texto ou corpus de textos com os quais um determinado texto mantém aquele tipo de interação.

² Intertextualidade. Aguiar e Silva (2008), Teoria e Metodologia Literárias, faz uma importante abordagem no qual demonstra fielmente os fundamentos do conceito. Para este o conceito representa o diálogo, a conversa e o relacionamento que existe, do ponto de vista estrutural e semântica, entre dois ou mais textos como estruturas dialogantes. Kristeva cit Rodrigues (2013, p. 52), o objeto dos estudos de intertextualidade é examinar de que modo ocorre a produção do novo texto, os processos de raptó, absorção e integração dos elementos alheios na criação da nova obra.

4.O carácter profético da poesia patriótica netiana

O valor visionário do poeta transcende os limites de longínquos horizontes. Neto protagoniza-se numa terra em que vai ser deportado pelo facto de defender o valor humano do negro perante uma sociedade africana marginalizada. De acordo com Barradas (2010, p. 41), Agostinho Neto foi preso pela PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), na sua residência em Lisboa, no dia 9 de Fevereiro de 1955, sem apresentação de um mandato de captura nem nota de culpa, tendo-lhe sido apreendido poemas, apontamentos, documentos do Clube Marítimo Africano (C.M.A.). Os intelectuais, perante estas assimetrias sociais, não se quiseram calar ergueram bem alto as suas vozes para protestarem contra essas desigualdades.

O poeta, como futuro líder do movimento revolucionário do país, transmite palavras de esperança mesmo à distância de casa, sofrendo as piores dores, mas carregando a esperança de um retorno definitivo e efectivo para casa. Isso pode ser visto no poema de Agostinho Neto "Havemos de voltar".



Às casas, às nossas lavras/às parais, aos nossos campos/havemos de voltar/ Às nossas terras /vermelhas do café /brancas do algodão/verdes dos milharais/havemos de voltar/Às nossas minas de diamantes/Ouro, cobre, de petróleo/havemos de voltar/Aos nossos rios, nossos lagos /às montanhas, às florestas/havemos de voltar/À frescura da mulemba/às nossas tradições/ aos ritmos, às florestas/ havemos de voltar/ À marimba e ao quissange/ Ao nosso carnaval/ Havemos de voltar/ À bela pátria angolana/ nossa terra, nossa mãe/ havemos de voltar/ Havemos de voltar/ À Angola libertada/ Angola independente.(Trilogia Sagrada Esperança, Renúncia impossível e Amanhecer, 2009).

Muitos filhos de África foram levados para terras distantes, muitos deles sem volta. Neto, distante de casa continuava a manter vivo a esperança aos seus irmãos, servindo-se de um profeta. Com uma certeza cega e imaculada fazia uma profecia de voltar para casa, fazendo também menção ao retorno às terras, símbolo da produção e símbolo da nação. Quanto às riquezas saqueadas pelos imperialistas, enfatizadas no café, algodão e milharais, Neto teve certeza de que haveriam de ser exploradas e transformadas pelos próprios filhos da terra. Como nacionalista, coube-lhe as honras de carregar a responsabilidade de despertar os irmãos e agir como (um) verdadeiro líder. No texto explicita a importância de ter a fé na força da razão, esperar pela liberdade e ter os filhos além da pátria um regresso, muito mais do um reencontro através da luta aramada.

5. Prometeísmo patriótico na poesia de Neto

A literatura está comprometida com a sociedade, com o tempo e com valores comungantes do ser humano em sociedade. A poesia é uma forma de expressão voltada à realidade através da expressão íntima do indivíduo que, necessariamente, está envolvido ou é parte do meio através da realidade expressa nos actos sociais do homem. Wellk e Werren (1948, p. 35) fazem uma afirmação que clarifica a ideia de conceber a poesia como forma de conhecimento, “a poesia é uma forma de conhecimento.”

Aqui a poesia é entendida como forma de saber que, através da exploração do “EU” por vezes, e por, outro, através do “NÓS” exterioriza-se um conjunto de acções do homem, diante das manipulações e injustiças sociais. Os mesmos autores afirmam, sobre a literatura, (idem, p. 35) que, é uma instituição social que utiliza, como meio de expressão específico a linguagem que é recriação social. Processos literários tão tradicionais como o simbolismo e o metro são, por natureza, sociais. Prossegue: “a literatura representa a vida, e a vida é, em larga medida, uma realidade social, não obstante a Natureza e o mundo interior ou subjetivo do indivíduo terem sido, também, objecto de imitação literária.” O próprio poeta é um membro da sociedade, possui uma condição social específica.

A poesia de Agostinho Neto carrega uma dimensão social canónica na medida em que dentro dela existe uma verdade comprometida com os ideias de liberdade e encorajamento do povo angolano para a busca de uma liberdade perdida, sob tutela dos ocupantes e colonizadores. Mais do que uma poesia é um instrumento de unidade social do seu povo. Certo que por muitos “é tido como guia imortal da revolução angolana” viu-se obrigado a carregar e a dirigir a revolução que levará o país à consumação da independência nacional.

No poema “Velho Negro” de Neto (1977, p. 54) descreve a condição social do negro (mercadoria) desvalorizado transportado para lugares incertos do mundo. Onde sob todas as condições de cativo serve um ser humano que o espezinha e o coisifica, diante de duras condições de servidão social e exploração económica. Como se pode ver no trecho abaixo: “Vendido/ e transportados nas galeras/ vergastado pelos homens/ linchado nas grandes cidades/ esbulhado até ao último tostão/ humilhado até ao pó/ sempre vencido...”

Segundo escreve Laranjeira (2010, p.135), Agostinho Neto submete toda a sua produção literária (poesia, conto) e de reflexão cultural sobre « poesia negra», literatura angolana ou culturas angolanas ao imperativo iniludível da luta anticolonial angolano e ao

Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto... projeto finalístico da formação da nação angolana no concreto das nações. Continua Laranjeira (idem: p.135), assim se compreende, na sua poesia, a nítida, inequívoca passagem do lastro sócio realista (pietismo, a referenciação dos problemas e a adoção do papel de porta-voz das classes mais pobres e oprimidas). A partir das afirmações deste autor adquirimos o direito de concluir que a poesia de Neto é consideravelmente social, na medida em que seu maior foco é a condição do seu povo que vive sob todo tipo de exploração social e podemos analisar a poesia de Neto como práxis³ social.

Numa abordagem sociológica literária, Ricciardi (1971, p.60) afirma: “o facto literário é conhecimento, a obra literária é a capacidade de conhecimento, as possibilidades de conhecer uma realidade.”

A obra de Neto carrega esta propriedade inequívoca da práxis, desde que se vislumbra nela um conjunto de valores esclarecedores de factos sociais, como forma de despertar e tomada de consciência de seu povo, como forma de reclamar a sua liberdade usurpada pelos colonizadores. Bakhtin (2008, p. 294), a respeito dos géneros no século XX, afirma que o romance torna-se não só o “herói principal do drama do desenvolvimento literário do nosso tempo”, como a força mais significativa em ação na história da consciência, mesmo em períodos em que, pensava-se, não haviam sido escritos romances, como na Atenas de Platão ou na Idade Média.

A respeito desta afirmação, podemos, sem equívocos, rever o discurso da poesia netiana comprometido com a situação social, num diálogo constante e preciso aos factos contextuais. Se Bakhtin elege o romance como expressão de uma manifestação intencional, podemos também admitir a poesia de Neto ser vista como a força mais significativa em ação na história da consciência dos intelectuais angolanos do século XX. Poderíamos fazer a seguinte pergunta “Porque escolheu Agostinho Neto a poesia para manifestar as suas ideias e ideais?” A resposta parece-nos simples. Pelo facto de no período colonial, os jornais e anais pertencerem ao mesmo tempo que eram severamente controlados e censurados pelos colonialistas europeus.

A poesia era a forma mais fácil de se fazer chegar suas intenções aos compatriotas. Por outro, os textos em poesia furtam-se, geralmente, de extensões textuais. Por palavras mais simples diríamos que a poesia é mais económica em termos de extensão. Daí, Neto recorre à poesia para fazer passar a sua mensagem, sem que ela passe pelos meios estatais, que faziam bastante censura. Ao estar virada a intenções

³ **Práxis**, segundo a definição do Dicionário da Língua Portuguesa (2013), 1. *Psicologia* atividade fisiológica e principalmente psíquica, ordenada para um resultado 2. *Filosofia marxista* conjunto das atividades que visam a transformação da organização social.

Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto... sociais a poesia netiana voltamo-la para uma análise social. O poeta é um membro da sociedade que vive em sociedade, possui uma cultura, uma história e relaciona-se com as massas. De acordo com Ricciardi (1971, p. 80), o escritor é um membro da sociedade, podemos estudá-lo como um ser social (...) o escritor é, pois, um criador, mas, ao mesmo tempo, a sua obra está mergulhada no momento histórico que a originou.

Na mesma asserção está Michaud (2004, p. 369), que fala de Octávio Paz, que afirma: “o poeta é um dador de liberdade”. Kandjimbo (1997, p. 163) espelha uma visão muito mais particular do escritor numa asserção sociologia africana ao afirmar: “na sociologia africana contemporânea, a categorização social do intelectual enquadra-se num procedimento que decorre da lógica da estratificação social e da penetração política em que avulta o exercício do poder e do estado.” Nós achamos que o escritor ou poeta é um intelectual inserido numa sociedade politicamente organizada e possui uma história e cultura.

O escritor ao depara-se com situações que enfermam uma determinada conjuntura social, serve-se-nos de arauto. Na verdade, assemelha-se a um despertador, que visa denunciar os males que atormentam a sociedade. Sendo um dos membros, emite juízos que, para os membros da sua sociedade, servem de uma alavanca para a busca de soluções e, acima de tudo despoletador de revoluções. Lobo (2014, p. 73) faz uma análise da poesia moçambicana com uma visão que achamos que se enquadra do contexto da poesia de Agostinho Neto. O autor afirma: « num contexto de luta armada de libertação nacional, o manifesto poético é inequívoco: para os verdadeiros revolucionários da FRELIMO, não estava em causa o género de literatura, mas apenas uma só poesia: **a Poesia de Combate**. O caso de Angola poderíamos “*frelimizar*” o MPLA, sem qualquer intenção de separarmos outros movimentos de libertação nacional, mas pelo facto de Neto ter liderado o movimento. A poesia de Agostinho Neto é uma poesia de combate, fundamentalmente, voltada para a causa do povo, dos angolanos para a conquista da sua liberdade perdida em nome da civilização e da evangelização ocidental. Numa possibilidade de reclamação da sua cultura, sua história e restauração da sua justiça, num contexto desanimador e frustrante, em que as massas negras são “coisificadas” e, conseqüentemente espalhadas pelo mundo como mercadoria.

O mesmo Ricciardi continua a afirmar: “o escritor, inevitavelmente, exprime na obra, a sua própria experiência, a sua peculiar visão da vida; seria, porém, manifestamente contrário à verdade afirmar-se que exprime globalmente o conjunto da vida ou toda a vida de um momento histórico. ” Nesta perspectiva, entramos em

Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto... desacordo, logicamente, pelo facto de o poeta estar inserido num meio social específico, experimenta as mesmas atrocidades e comunga mesmos ideais com outros membros. Hamilton (1975, p. 35) oferece-nos um claro panorama no que concerne às relações estratificadas na época colonial. A sociedade colonial dividia-se com base na casta racial e classe social, mas a prática colonial oficial complicava a questão porque havia, com efeito, duas classificações sociais em vigor em todas as colónias (...), conforme factos históricos, demográficos e socioeconómicos. Faz uma demonstração clara numa descrição fiel ao contexto. “ Por conveniência, podemos, por um lado, constatar “os civilizados” e por outro, “os não civilizados. ” Os brancos eram civilizados, quer classe social ou grau de escolaridade.

Por outro, os assimilados eram os negros já com certo padrão de vida europeia, que já podiam ler e escrever e a maior parte dos mestiços e mulatos, sobretudo os das zonas urbanas. Já os “não civilizados” eram os indígenas, os negros que não assimilavam a cultura europeia, grande parte destes não sabiam ler nem escrever.

6. Compreender Agostinho Neto e os valores estéticos

A riqueza de um povo está no conhecimento das suas raízes e no manuseamento da sua cultura, como legado para a construção de uma sociedade cada vez mais coesa virada para a valorização da sua própria identidade. Compreender autores nacionais é, de facto, enraizar valores estéticos. Aqui não tratamos só de valores como: a moral, a cultura, ou, usos e costumes, queremos vincar também a ideia de estilo de vida (*modus vivendi*) que no fundo é criar um padrão de procedimento. Com isso, assumimos plenamente a ideia de busca contínua de valores que englobam uma conjuntura social que, unifique toda uma sociedade angolana, desviando-a da ideia de regionalismos. A unicidade vive e saberá sempre viver na diferença. Para tal, no campo literário o poema será visto como um despertai, que se nos assemelha ao sino e o poeta o tocador dela, um soldado alinhado ao combate contra o inimigo.

Para Lobo (2014, p.71-72), a revolução francesa parece ter servido de berço de uma arte programática, privilegiadora do ético “como as primeiras canções dos *sans-cullottes*” mais tarde Victor Hugo, pai fundador da poesia como arma de combate e do poeta como soldado do futuro vai fazer repercutir nas literaturas portuguesas e brasileira com Antero de Quental e Castro Alves “a voz das multidões”. No poema “O Sangue Quente do meu Irmão”, Agostinho Neto pronuncia palavras de bastante valor sobre a perspectiva de uma nação unida, onde não haveria a necessidade de se desarticular

Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto... senão todos viverem como irmãos através do sangue, que muitos irmãos e irmãs derramaram para que possamos alcançar a referida unidade e união. Embora as duas expressões remetam, para mesmo referente há exceções. Unidade voltada para a ideia de não separação. A união para a ideia de maior coesão, seu sentido semântico volta-se para a afetividade que devemos estabelecer entre todos os membros da nação angolana.

Sobre o sangue do meu irmão/ Sacrificado pela pátria/ construo o meu sonho/ sobre o sangue ainda quente da minha irmã/ assassinada pelos carrascos/ construo meu sonho de unidade/ unidade cimentada pelo sangue/ união plantada sobre a terra/ germinado no meu gesto/ crescendo na minha voz/ gritando no teu olhar. (Neto, 2009, Amanhecer-Diário de 1972).

Neto sonha construir uma nação sem diferença enraizada sobre as bases do sangue derramado pelos seus irmãos e irmãs. A partir daqui evidencia a ideia intimista de afetividade entre todos os membros dessa sociedade que Neto idealiza, como forma de congregar as diferenças.

Mas, toma a dianteira para fazer germinar esse sonho “a união” sobre a terra, que remete para a ideia da nação e usa seu gesto, modo de vida para com a sua voz, servindo-se de porta-voz do seu povo, para fazer todos ouvir e perceber sobre a importância da união e unidade entre irmãos; que por amor à Pátria quer por derramamento de seu sangue em busca da liberdade, a manifestação desse sonho concretizar-se-ia no olhar de cada um, através da manifestação da alegria da conquista.

Considerações finais

Diante desta realidade, Agostinho Neto, comprometido com o seu povo e a causa do povo, escreve para um público, embora quase analfabeta, como forma de passar a sua mensagem, como um instrumento de despertar das massas para a reclamação dos seus direitos e a abolição das diferenças raciais entre brancos e negros.

A poesia de Agostinho Neto ajusta-se aos desígnios que estiveram na base do fortalecimento do sentimento nacionalista dos angolanos, facto que possibilitou na população angolana da altura na reabilitação do sentimento nativista fruto do trabalho feito por Neto; e isso está intacto em cada texto escrito pelo poeta.

Caracteristicamente, é possível ver traços que demonstram a identidade cultural, o patriotismo e o patriotismo do povo angolano. Assim o estudo do autor propicia a aquisição e fortalece o sentimento patriótico e identitário de cada indivíduo.

Referências

- Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto...
- AGUIAR E SILVA, Victor Manuel de. *Teoria e metodologia literárias*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.
- _____. *Teoria da literatura*. 8.ed. Coimbra: Almedina, 2011.
- ANDRADE, Mário Pinto de. *Origens do nacionalismo africano*. 2.ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1998.
- BARRADAS, Acácio. *Agostinho Neto. Uma vida sem tréguas*. 2.ed. Luanda: Fundação Agostinho Neto, 2010.
- DUARTE, D. *Literatura tradicional angolana*. Benquela: Editora Didáctica de Angola, S.A.R.L. 1975.
- FILHO, Domício Proença. *Linguagem Literária*. 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- GARCÍA, Xóse Lois. Presença Bíblica na Poesia de Agostinho Neto. In: LARANJEIRA, Pires e ROCHA, Ana T. (Org.). *A Noção de Ser*. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto. 2014. p. 545-580.
- HAMILTON, Russell, G. *Voices from empire: A history of Afro-Portuguese Literatura* (Literatura Africana Literatura Necessária) I Angola. Lisboa: INALD, 1975.
- KANDJIMBO, Luís. *Apologia de Kalitangi Ensaio Crítico*. Luanda: INALD. Angola. 1997.
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- _____. Novo Paradigma Negro-Africano. In: *Agostinho Neto: Uma Vida Sem Tréguas*. 2.ed. Luanda: Acácio Barradas Editora e Fundação António Agostinho Neto, 1977. p.100-150.
- LOBO, Almiro. Literatura Néutra ou Engajada? in: SERRA, Carlos (Org.). *Cadernos de Ciências Sociais*. Lisboa: Escolar Editora. 2014. p.67-79.
- MANJANTE, Teresa, et al. Literatura Comparada. In: SERRA, Carlos (Org.). *Literatura: Neutra ou Engajada? Cadernos de Ciências Sociais*. Lisboa: Escolar Editora. 2014. p.13-45.
- MANUEL, João Fernando. Cidadania e cultura. In: *Cidadania o que é?* Luanda: MPLA-Gabinete para a Cidadania e Sociedade Civil e Colecção Educação Cívica, nº6, p.75-80, 2015.
- MICHAUD, Stéphane. A Palavra riscada: A aventura da poesia moderna (século XIX e XX), In: BRUNEL, Pierre; CHEVREL Yves. (Org.). *Compêndio de Literatura Comparada*. Trad. Maria de Rosário Monteiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2004. p.120-145.
- MOISÉS, Massaud. *Análise Literária*. 17.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

Eduardo Mabilia Pola, André Fernando Cula Bumba, O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto... NETO, António Agostinho. *Triologia Poética: Sagrada Esperança, Renúncia Impossível e Amanhecer*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.

_____. *Sagrada Esperança*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1977.

NETO, Eugénia. A Poética de Neto como Práxis Social. In: LARANJEIRA, Pires e ROCHA, Ana T. (Org.). *A Noção de Ser*. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto. 2014. p. 155-170.

NEVES, Fernando. *Negritude e Revolução em Angola*. Paris: Edições « ETC». 1974.

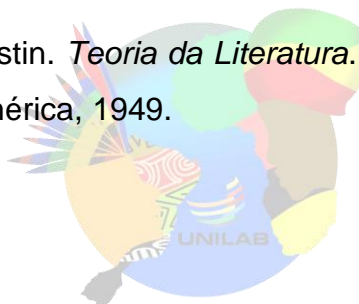
REIS, Carlos. *Conhecimento da Literatura*. 2.ed. Lisboa: Almedina, 2001.

RICIARDI, Giovanni. *Sociologia da Literatura*. Coleção Saber, Lisboa: Editora Europa América. 1971.

RODRIGUES, Catarina Isabel Silva. *A renúncia impossível de Agostinho Neto, um novo discurso poético, intertextualidade e alcance pedagógico*. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014.

VENÂNCIO, José Carlos, *Uma perspectiva etnológica da literatura angolana*. 2.ed. Lisboa: Ulmeiro, 1993.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. 5.ed. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Publicações Europa América, 1949.



Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 23/12/2021

Para citar este texto (ABNT): POLA, Eduardo Mabilia; BUNBA, André Fernando Cula. O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.31-47, dez 2021.

Para citar este texto (APA): Pola, Eduardo Mabilia; Bunba, André Fernando Cula. (2021, dez.). O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1 (Especial): 31-47.